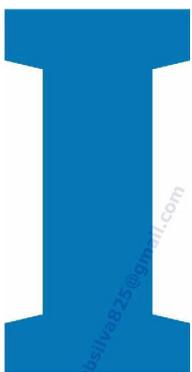


IMPERDÍVEL
O QUE ESTÁ PARA VIR
POR FERNANDA CACHÃO FOTOS MARILINE ALVES

'O Olhar do Outro - Estrangeiros em Portugal: do século XVIII ao século XX', de Maria Filomena Mónica

"Ouvi-os a todos e procurei ser isenta!"



lustres desconhecidos ou celebrados famosos passaram por Portugal, e do País tiveram opinião. A socióloga Maria Filomena Mónica fez a sua seleção e a partir da leitura do livro que escreveu, editado pela Relógio

d'Água, sabemos mais da biografia e do tempo dessa gente; temos uma visão de nós mesmos através do olhar do outro. O escritor americano Mark Twain, que passou pelos Açores, no Faial, em 1867, observou, satírico, que "qualquer português que se preze benze-se e reza a Deus para que o livre de qualquer desejo blasfemo para saber mais do que o seu pai". Já Simone de Beauvoir, autora de 'O segundo sexo' e companheira de uma vida de Sartre, que veio em 1945 a Portugal para dar conferências, foi tratada "como uma rainha pelo regime" e regressou a França com guarda-roupa novo, conforme notaram os jornais gauleses de então.

Por que é que resolveu escrever 'O Olhar do Outro'?

Por duas razões: a primeira, por desde há muito desejar perceber como os estrangeiros nos "viam". Quando fui para Universidade de Oxford em 1971, apercebi-me logo dos preconceitos ingleses em relação aos latinos. Tornou-se-me então claro que o facto de eu ser loira, de saber ler e escrever e de não comer com as mãos os espantara. Em segundo lugar, porque, a determinada altura, percebi que muitos dos meus colegas que escreviam sobre a História de Portugal - até eu! - usavam algumas frases retiradas das obras dos visitantes estrangeiros como se estes fossem observadores neutros. Ora,





BI

Maria Filomena Mónica nasceu em Lisboa, em 1943. Licenciou-se pela Universidade de Lisboa em Filosofia (1969) e depois fez o doutoramento em Sociologia, em Oxford (1978). Dedicou parte da sua vida à investigação e é autora duma extensa bibliografia. É também cronista do CM.

o que nos legaram tem de ser passado por uma lupa crítica.

Como escolheu os estrangeiros?

Selecionei os que melhor escreviam – eu desejava que o livro fosse de leitura agradável – e ainda aqueles sobre quem existiam biografias. Para perceber o que tinham escrito era necessário saber o que estava nas suas cabeças antes de terem vindo a Portugal.

Na perspetiva do sociólogo qual o valor da visão do estrangeiro sobre um povo?

Na de um sociólogo, como na de qualquer pessoa educada, a visão do estrangeiro é uma fonte como qualquer outra, ou seja, tem de ser entendida no contexto em que foi apresentada.

Por que é que destaca o diário da inglesa Dora Wordsworth Quillinan?

Foi porque, ao contrário da maioria dos visitantes estrangeiros, percorreu Portugal de lés a lés. Porque era culta, inteligente e indomável, como se viu quando se opôs à vontade do pai, o mais famoso poeta do seu tempo, quando este tentou condicionar a publicação do livro. Aliás, a 1ª edição (de 1847) do 'Journal of a Few Months' Residence in Portugal and Glimpses of the South of Spain' surgiu sem identificação de autor. E ainda porque "olhou" o que ia vendo de uma forma mais inocente da usual entre os seus compatriotas.

Indignou-se alguma vez com os estrangeiros deste seu livro?

Por vezes sim, quando os seus escritos eram demasiado caricaturais. Mais do que me indignar, ri-me. Claro que gosto mais de alguns deles - de H. F. Link, de H. C. Andersen e de Mary McCarthy - do que doutros, mas isso é natural. "Ouviu-os" a todos, procurando ser isenta.

Um dos estrangeiros foi Jean-Paul Sartre que em 1975, depois de falar com oficiais, dizia que estes concebiam um tipo de socialismo ou comunismo "à portuguesa" - "e aí já não entendo o que queriam dizer". Nunca gostei de J. P. Sartre e,

'Os pobres', 'Os Ricos', editados pela Esfera dos Livros, e 'Nunca dancei num coreto, Crónicas do Expresso 2011/18', da Relógio d'Água, foram os seus últimos livros



IMPERDÍVEL

depois de ler o que ele escreveu sobre o Portugal da Revolução dos Cravos, ainda menos. A sua exibição numa foto da altura, empunhando uma metralhadora G3 a fim de mostrar o quão revolucionário era, irritou-me para além do que é possível dizer. Estaria senil, mas não totalmente. Se não entendeu o que se passava a culpa foi sua e não dos capitães de Abril. Sartre era vaidoso, o que ficou patente quando falou numa sala de conferências na Universidade do Porto: o parvo irritou-se porque os alunos não lhe faziam tantas perguntas quando ele imaginava que lhe eram devidas. Curiosamente, depois de ter lido o que a sua 'companheira' Simone de Beauvoir escreveu sobre Portugal (ela estivera cá antes da visita com ele) fiquei a apreciá-la mais do que anteriormente.

Em Portugal, as leis ainda estão de um lado e os costumes de outro como dizia a princesa Rattazzi?

Infelizmente, é verdade. E o povo encolhe os ombros, o que me entristece.

Ainda somos 'barbaroi' como de nós diziam os gregos?

Na medida em que não reconhecemos legitimidade às leis – para mais agora que são aprovadas no Parlamento – somos. Gostaria de viver num país em que existisse um verdadeiro Estado de Direito.

Na sua opinião qual foi o estrangeiro que melhor definiu Portugal e os portugueses?

Para mim, um dos relatos mais lúcidos, cultos e isentos, para mais escrito quando o País atravessava um período de grande instabilidade política, é da autoria de um grande aristocrata inglês, Lord Porchester (Earl of Carnarvon depois da morte do pai). Não entendendo o motivo pelo qual nenhuma das suas obras foi até hoje traduzida. Aqui ficam os seus títulos: 'The Last Days of the Portuguese Constitution' (1830) e 'Portugal and Galicia with a Review of the Social



O livro de Maria Filomena Mónica está já à venda nas livrarias online da Bertrand, Fnac e Wook

and Political State of the Basques Provinces' (a 1ª edição é 1836 e a mais completa, a 3ª, de 1848). Esta família ainda hoje é ilustre. A título de curiosidade, foi na sua mansão de Highclere Castle que a série de televisão 'Downton Abbey' foi filmada.

Pedia à socióloga Maria Filomena Mónica, imaginando que era uma estrangeira que aqui chegava, um parágrafo sobre os portugueses deste tempo que atravessamos.

Sou pouco dada a generalizações. Mas há um aspeto que me tem chamado a atenção pela positiva: a reação à atual pandemia. Basta olhar para o que se passa em Espanha para verificarmos que, até agora, deste lado da fronteira conseguimos evitar o pior. Apesar das anteriores críticas às listas de espera do SNS, os médicos, enfermeiros e, não os esqueçamos, o pessoal au-

xiliar, têm-se comportado de forma exemplar. Sei que o meu testemunho pouco vale. E dele não pretendo retirar generalizações. Mas quero contar o que me aconteceu há dias. Tive de ir fazer o teste da Covid-19 e fiquei estarecida: no hospital requisitado para este serviço, tudo estava limpo. o pessoal andava com máscaras e o resultado da aná-

lise veio em menos de 24 horas. Pode ser que o facto de ter sido negativo esteja a influenciar o que escrevo – não fui eu que declarei não existirem "olhares" neutros?), mas não estou a falar de sentimentos mas de factos. É em momentos como este que temos de agradecer a existência de um SNS: se não acreditam, olhem para o que se passa nos EUA.



É em momentos como este que temos de agradecer a existência do SNS. Se não acreditam, olhem para o que se passa nos EUA